

Redacção e administração
R. de S. Martinho

AVEIRO

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,
EDITOR, Manuel Homem Christo

Numero 268

AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

3.º Anno

MAUS PRINCIPIOS

Na conferencia a que já nos referimos, o sr. Guerra Junqueiro chamou á burguezia um *egoismo*, uma *covardia*. Mas, perdão. O sr. Guerra Junqueiro não fez mais do que proclamar os principios dissolventes, os principios egoistas d'essa burguezia!

A maxima parte das nações, acrescentou o sr. Guerra Junqueiro, estão sem alma, sem ideal, sem poesia. Estão. Mas porque? Porque os burguezes dominantes troçam dos *immortales principios*, como o sr. Guerra Junqueiro. Porque é para elles *indifferente a fórma de governo*, como para o sr. Guerra Junqueiro. Porque só pensam *n'um homem, n'um mão de redea que os guie*, como o sr. Guerra Junqueiro. Venha lá o homem *d'onde vier*. Que venha, e que mande. Elles estão promptos a deixar-se mandar. A obedecer. A abdicar.

A revolução trouxe a negação de Deus, mas substituiu Deus com os *direitos do homem*. Substituiu-o com o amor da liberdade, da verdade, da justiça, do direito. Abateu a divindade para elevar a humanidade.

Para abater a divindade e elevar a humanidade, a primeira condição era supprimir o direito divino, era acabar com o privilegio do nascimento, o mais odioso de todos os privilegios. Era trocar a fórma monarchica pela fórma republicana.

Privilegio que subsistia tanto no regimen monarchico absoluto, como no regimen monarchico constitucional. Os direitos do homem não eram compatíveis, nem com um, nem com outro. O regimen monarchico absoluto era um absurdo, e uma violencia. O regimen monarchico constitucional era o mesmo absurdo, era a mesma violencia, temperada embora; e era, a mais, uma grande hypocrisia. E não ha nada para corromper, para dissolver, para envenenar, como a hypocrisia.

Por isso os *sectarios*, os *jacobinos*, nam intransigentes na fórma de governo. Entendiam, e muito bem, que a fórma de governo era a primeira condição de liberdade, de progresso, de emancipação, de civilisação. Não se deixavam enredar em chicanas, nem seduzir com sophisms. A verdade estava na fórma republicana. Nella estava o direito. Nella estava a justiça. Para ella era necessario caminhar, affrontando todas as difficuldades, vencendo todos os perigos.

O covario seria um *egoismo*. Seria um infame, uma revoltante *covardia*.

Quem teve? Quem a commetteu?

Os burguezes para os quaes a *fórma de governo era o menos* e a *fórma do governo o essencial*. Os burguezes que se acceitavam a republica *quando oei não fosse um homem*. Os burguezes que chamavam *estúpida á repulca dos republicanos*, isto é dos *hmen*; que tinham *alma*, que tinham *ideal*, que tinham *poesia*. Os burguezes que chasqueavam, que escarniam, que injuriavam os *immortales principios*.

D'ahi, só d'ê, veio este desvaivamento, este scepticismo, este pessimismo, este indifferentismo, este cynismo, es abaixamento intellectual, esta leura moral, *ito*, chamem-lhe o q lhe chamarem,

isto que nos fez tacanhos, que nos fez miseráveis, que nos fez indignos.

E' preciso pensar um pouco, antes de desdenhar dos jacobinos. Principalmente sendo certo que esta palavra já não abrange só os antigos membros do club de Paris, mas todos os republicanos que no mundo tiveram principios, que os amaram, que por elles se apaixonaram, que por elles padeceram, ou morreram. Oh, sim! E' preciso pensar um pouco. Para que aquelles que desdenham, para que aquelles que se riem, não venham abaixo cobertos de ridiculo, por mais alto que imaginem, ou por mais alto que esteja, na verdade, o pedestal da sua gloria ou da sua grandeza.

O communista abatia o culto catholico, mas elevava o culto da Razão. O robespierrista rejeitava o Deus de Roma, mas proclamava o *Ser Supremo*. Outros não acceitavam Deus nenhum, mas prestavam culto fervoroso á verdade, ao direito, á justiça. Todos esses *jacobinos*, todos esses *sectarios*, todos esses republicanos ardentes, tinham um ideal, pelo qual combatiam com convicção e com amor. Todos queriam a republica para os republicanos, n'isso eram intransigentes, porque entendiam, admiravelmente, que sendo a republica um meio de servir o progresso, a civilisação, a evolução, a redempção humana, só a poderia servir efficazmente o republicano, isto é, aquelle que a amasse.

Os que lhe succederam, os *electicos em fórmãs de governo*, aquelles para quem a *fórma do governo era o essencial*, não acreditaram, nem em Deus, como os jacobinos, como os sectarios, como os republicanos revolucionarios, nem em coisa nenhuma.

Não acreditaram em Deus, mas fingiram que acreditaram. Não acreditaram na liberdade, mas fingiram que acreditaram. Fingiram que acreditaram no direito, fingiram que acreditaram na justiça, fingiram que acreditaram na ordem, na auctoridade, no rei, sem acreditarem em coisa nenhuma. Tudo esterilizaram com a sua descrença, tudo dissolveram com a sua mentira, tudo corromperam com a sua hypocrisia.

Egoistas, covardes, com tudo se acomodaram, para tirarem de tudo um interesse immediato. Lisongearam o povo e desprezaram o povo. Lisongearam o rei e abominaram o rei. A magistratura, o exercito, a burocracia, foram nas suas mãos instrumentos, simples instrumentos, de interesses, de influencias, de predomínios de facção. Em nome da ordem, a toda a parte levaram a desordem.

Porque? Porque lhes faltou a *alma*, o *ideal*, a *poesia*. E faltou-lhes a alma, o ideal, a poesia, porque alma, ideal e poesia não se criam a fazer versos. Faltou-lhes a alma, o ideal, a poesia, porque lhes foram indifferentes os principios politicos, que são a base fundamental das sociedades. Sem amor dos principios politicos não ha, nas sociedades modernas, amor da patria.

O sr. Guerra Junqueiro enganase. Não ha amor da patria a trocar dos *immortales principios*, a proclamar a *indifferença das fórmãs de governo*, a pedir um *homem* para dirigir os povos em vez de pedir idéas, sem que queiramos com isto negar a influencia incontestavel d'aquelles que são homens.

O sr. Guerra Junqueiro enganase com as suas manias de Deus e

de metempsychose do medieval condestavel. No mundo moderno não resuscitam as velhas crenças. As sociedades de hoje não se movem pelas idéas do passado. Não se ama hoje a patria pelos motivos porque se amava outr'ora. A patria, hoje, ama-se como um fragmento da humanidade. E o amor da humanidade só nasce, só pôde nascer, do amor dos grandes principios que surgiram com a revolução.

Para insuflar nas sociedades modernas a crença que lhes falta, para reaccender o entusiasmo perdido para retemperar os caracteres, para fortalecer as almas, não havemos de reatar a tradição catholica, a tradição medieaval; mas unicamente a tradição revolucionaria. Não havemos d'ir beber a inspiração do *santo condestavel*, mas a inspiração de Danton, e de todos os grandes revolucionarios do periodo heroico da revolução franceza. Não havemos de proclamar a indifferença das fórmãs de governo, não havemos de pedir um *mão de redea* para presidir á republica, mas afirmar, como condição indispensavel de regeneração universal, a fórma de governo republicano, e como condição de bom exito, na republica, que ella seja entregue a homens de convicções, a homens de principios. Não havemos de ser republicanos por estarmos descontentes com a monarchia, mas por estarmos absolutamente convencidos da superioridade da republica.

Só assim poderemos supprir a falta das crenças antigas, que não voltam, por mais que as chamem os *nephelibatas* de todos os matizes e de todos os paizes. Que não voltam, porque são, dia a dia, cada vez mais incompatíveis com os sentimentos que derivam da moderna civilisação. Só assim poderemos vencer o egoismo, a covardia, que resultaram da ausencia absoluta d'ideal, que são apanagio do *electicismo* em fórmãs de governo, que são um fructo das monarchias constitucionaes, absurdas, como as monarchias absolutas, e, além de absurdas, sophisticated, hypocritas, mentirosas, corrompendo, dissolvendo, esterilizando tudo.

E quem escreve estas linhas sente bem em si a força d'esses novos idéas, os idéas dos *jacobinos*, a força dos *immortales principios*. Sem ella teria quebrado cem vezes a penna, obscura mas energica, com que os defende. E quando não o tivesse feito antes, bastaria o silencio com que um partido, que se diz republicano, acolhe as heresias do sr. Guerra Junqueiro, para a despedaçar, agora, definitivamente.

Não a despedaçamos, porque nos alimenta a indignação. E alimenta-nos a indignação porque subsiste em nós, evidentemente, o vigor d'uma convicção.

Mas ai d'um povo, onde um partido inteiro curva a cabeça deante de heresias politicas, só porque foi um homem de prestigio que as proferiu!

«O DIARIO»

Conta mais um anno de existencia este estimado collega de Lisboa.

Que os continue a contar largos e bons é o nosso desejo sincero.

A QUESTÃO CLERICAL

As Congregações em França

Ficámos na publicação da *Concordata* e dos *Artigos Organicos*.

Pio VII irritou-se vivamente com a publicação d'esses artigos, mas enguliu-os, como tudo o mais. Deante da força não ha resistencia. Por isto mesmo cedeu em tudo quanto Bonaparte lhe exigiu. Depois de fazer cardeal um malandreste, tio do Cesar, prestou-se a ir a Paris coroar o mesmo Cesar. «Não ha nada, dizia Napoleão, que eu não comsiga com os meus gendarmes e com os meus padres.» Na verdade, os padres faziam admiravelmente todo o seu jogo politico. Tornaram-se servis, tornaram-se abjectos deante d'elle.

Seguro na obediencia absoluta do seu clero, Napoleão entendeu que não precisava mais de poupar o papa. Como a praça de Ancona, que pertencia á Santa Sé, lhe podia servir na sua lucta contra a Austria e contra a Russia colligadas, apoderou-se d'ella. Pio VII enfureceu-se e ameaçou Napoleão com uma ruptura completa. A victoria de Austerlitz, porém, que teve lugar n'esse meio tempo, socegou subitamente o bellicosso ardor do soberano Pontifice. Prudente creatura! Apressou-se a desculpar-se e a afirmar que nunca tinha deixado de proceder correctamente, reclamando Ancona, no emtanto.

Napoleão respondeu com uma carta ameaçadora. Exigiu que o Santo Padre expulsasse dos seus estados todos os subditos sardos, inglezes, russos e suecos que podessem lá viver. D'essa vez o papa foi um pouco mais decente: recusou.

A irritação do imperador não teve limites. «Talvez não venha longe o tempo, escrevia elle ao papa, em que eu só reconheça o bispo de Roma como o egual de qualquer dos bispos dos meus estados.» E apressou-se a occupar militarmente as quatro provincias Macerata, Spoleta, Urbino e Foligno, ao mesmo tempo que offerencia ao papa as bases d'uma reconciliação. O papa devia reconhecer os novos reis de Napoles, da Hollanda e de Westphalia, augmentar o numero de cardeaes francezes e abster-se de todos os actos que alarmassem as consciencias lançando a sisania entre os crentes.

Pio VII respondeu que não podia, de nenhum modo, adherir a um tratado attentatorio da liberdade e independencia da sua soberania.

Napoleão replicou fazendo occupar Roma pelas suas tropas e anexando, pura e simplesmente, ao reino de Italia, as provincias d'Urbino, Ancona, Macerata e Camerino (maio de 1808).

Durante quasi um anno, as complicações da politica exterior impediram-no de concluir o seu objectivo a suppressão do poder temporal. Mas, logo que, vencedor dos austríacos, entrou em Vienna, assignou, a 17 de maio de 1809, dois decretos, pelos quaes, recordando a doação de Carlos Magno, seu *illustre perdecissor*, e o mau uso que d'ella tinham feito os papas, declarava os Estados pontificios annexados ao imperio. A 10 de junho, a bandeira pontifical,

que tinha fluctuado até então no Castello de Santo Angelo, foi arriada por ordem do general Miollis; o poder temporal do papa tinha deixado de existir.

O papa lançou contra Napoleão uma bulla de excommunhão, que fez affixar secretamente em Roma. Era o pretexto desejado. Na noite de 5 para 6 de julho de 1809, o general de *gendarmarie* Radet fez assaltar o Quirinal, por soldados e *gendarmes*, e prendeu Pio VII e o seu fiel ministro o cardeal Pacca. D'ahi, o papa foi conduzido a Lavona, enquanto o secretario de estado era encerrado na fortaleza de Tenestrelles.

Era, pois, a ruptura entre o papa e o imperador. Pio VII estava prisioneiro e Napoleão excommungado; a concordata—diz o resumo da historia de Debidour que continuamos seguindo e que em muitas passagens litteralmente traduzimos—não tinha aproveitado nem a um, nem ao outro, e não se percebe o que a França com ella tinha ganho.

O que havia de ganhar a França?

Depois da Republica ter subjogado o clero com mão de ferro, depois de ter submettido Roma, o unico regimen, como vimos, que servia a liberdade, satisfazendo crentes e livres pensadores, era o da separação da Igreja do Estado. Com elle vinha vivendo, por fim, a França em paz. Mas nem convinha aos designios ambiciosos de Bonaparte, que quiz empregar o clero como instrumento da sua usurpação, o que conseguiu, nem aos designios ambiciosos de Roma, que quiz servir-se de Napoleão para os seus eternos projectos de dominação absoluta, o que não conseguiu. Por isso, logo que Bonaparte ameaçou destruir a obra grandiosa da Republica, Pio VII, e toda a Igreja romana, no seu odio inveterado, no seu odio nunca desmentido, á democracia, exultaram e bateram palmas de alegria.

Juntaram-se os lobos. E d'esta vez desmentiram o dictado. Dizem que se não comem uns aos outros. Napoleão, se não cometeu o papa, deu-lhe fortes dentadas pelo menos, como veremos no numero seguinte.

E do mal o menos. Napoleão era um salteador. Mas conservara da Revolução, do seio da qual surgira, o espirito da audacia, e o caracter anti-religioso que a caracterisaram.

Do mal, o menos. A religião servia-lhe de instrumento. Mas, no fundo, detestava-a, e ria-se de todas as suas hypocrisias.

Do mal, o menos. Continuaremos.

Hotel das Nações

Recomendamos a todas as pessoas que forem a Lisboa, que não deixem de visitar o *Hotel das Nações*, pois o seu proprietario é um character seriissimo e a sua casa uma das mais acreditadas da capital.

Segundo a tabella de preços que temos presente—não a podemos publicar, como era nosso desejo, por o nosso jornal ser de pequenas dimensões e termos muitos assumptos importantes a tratar—não pôde ser mais economico o serviço de meza para os srs. viajantes e hospedes permanentes que se quizerem utilizar d'aquelle importante estabelecimento.

Julgamos com isto prestar um bom serviço a todos os nossos leitores que procurarem o *Hotel das Nações*.

A QUESTÃO RELIGIOSA

Cartas d'Algueres

23 DE SETEMBRO.

O nosso prezado collega O Norte diz que os clercos ameaçam agora levar a tiro os liberaes.

Excellent! Excelente! E' isso mesmo que se requer. E' claro que os miseraveis não podem com uma gata pelo rabo. Só se fôr lá para o Minho, e ali mesmo duvidamos! Mas fóra do Minho, coitados, estão reduzidos a *Papa-Sellos* de varios calibres. Mais nada.

Mas julgam o contrario? Mas querem experimentar? Vamos a isso, amiguinhos, vamos a isso.

E' caso para não lhe perdoar a simples insolencia. Os bandleiros não tem força para coisa nenhuma. Não a tiveram no tempo de D. Miguel, quanto mais hoje. Mas a fanfarronada é affrontosa. Basta ella para lhe applicarmos a *receita* na primeira oportunidade.

E' dar-lhes para baixo e por todas as fórmulas. Não haja contempções. Não haja transigencias.

Este conselho dirige-se, é claro, aos que pensam da clericalha como nós. Porque, segundo O Norte, ha *livres pensadores e liberaes que parecem dormir e não ver as labaredas que a seus pés se levantam.*

Ha, ha. Nós bem os conhecemos. Tivemos a honra de travar conhecimento com suas excellencias quando foi da questão de Aveiro. Não os esqueceremos. Podem suas excellencias estar certos de que os não esqueceremos. E somos excellente amigo para o inverno!

E, já que estamos falando no assumpto, diremos que depois de prohibidas as procissões de Lisboa nos parece má *tactica* levar por deante os projectados cortejos civicos.

E' má *tactica*, é! Essa arma devia ficar reservada para as *ocasiões solemnes.*

As questões vencem-se quasi sempre mais por *habilidade tactica* do que por força numerica.

E os nossos democratás são, na sua quasi totalidade, uns pessimistas tacticos.

Um cortejo civico, motivado por uma procissão, antes da procissão realisada, mas nas visinhanças do dia em que está projectada a parada jesuitica, excellent. E' cantharida. No dia da parada jesuitica, e de fórmula a esbarrar com ella, é Kuroki em cima de Kuropatkine. Depois da parada jesuitica prohibida, ainda seria bortalho se o governo o não prohibisse. Com todas as probabilidades do governo o prohibir, é erro de *tactica* que não se desculpa.

E' dar força á reacção. E' fazer, inconscientemente, o jogo do governo.

Valha-nos Deus! Valha-nos Deus! Não nos esqueçamos nunca de que a primeira condição de popularidade e de força é o successo.

Isto com o devido respeito pela opinião dos outros.

«O MUNDO»

Entrou no quarto anno de publicação este nosso prezado collega de Lisboa.

As nossas felicitações.

Já se acha aberta na Escola Industria de Desenho a matricula para os alumnos que desejem frequentar as aulas de desenho da mesma escola.

Dizia eu, na ultima carta, que raros são aquelles que, n'este paiz, falam da instrucção por amor da instrucção, e que a prova está no abandono a que é lançado, por todos, o ensino das primeiras letras.

Fala-se muito na instrucção secundaria, e berra-se desesperadamente contra o regimen dos lyceus, porque ou que escrevem nos jornaes, ou são professores, que se querem ver livres d'uma lei que lhes impõe responsabilidades, ou são paes, que querem ver os filhos approvados sem difficuldade.

Eu tambem tenho um filho no lyceu. Não é nenhum portento, o rapaz. E, comtudo, quando lhe explicam a licção não precisa de se matar para fazer a classe regularmente. A questão é o professor cumprir o seu dever. Eis o problema!

Se o professor sabe, tem algum zelo e alguma consciencia, emfim, se não é uma cavalgadura, nem um tratante, todo o discipulo, de mediana capacidade e applicação, leva, sem grande custo, o curso até ao fim.

O que a experiencia me tem demonstrado é que o menor mal é o da lei. O peor é a falta de capacidade e de consciencia do professor, e a falta de applicação e de disciplina do discipulo.

Se o professor não sabe,—e, repetimos, alguns d'elles não sabem nada—se é mandrião, não explicando, ou faltando repetidas vezes á aula, se não tem paciencia, e atemorisa os rapazes com berros ou injurias, e se é patife, então, evidentemente, está tudo perdido.

Se é patife. Já não digo injusto. Injustos são quasi todos. Mas d'uma injustiça relativa, que se supporta, á falta de coisa melhor. Dar ao menino A uma nota de *bom*, porque é protegido, e dar ao menino B uma nota de *sufficiente*, só porque não é protegido, andando, comtudo, tão bem, ou melhor do que o menino A, é coisa tão vulgar que já nem vale a pena falar n'ella. Não é a isso que eu chamo patifaria. Patifaria chamo eu ao facto de se andar perseguindo acintosamente um rapaz, seja porque motivo fôr, para o perder. Tambem ha d'isso, desgraçadamente. Ha muito d'isso, até. Mas deve-se confessar que não é a regra geral.

Ora se o professor não é um desavergonhado, e cumpre regularmente o seu dever, e se o rapaz estuda alguma coisa, e não é bruto de todo, pouco se sente a tal influencia nefasta da lei.

Eu vou todos os mezes ao lyceu, porque o regulamento m'o permite, pedir ao director de classe informações sobre a frequencia do rapaz. Aproveito-me, cuidadosamente, do direito que a lei me concede. D'esta fórmula posso corrigir, a tempo, as faltas encontradas. Se o rapaz fez alguma garotice eu puxo-lhe as orelhas, porque, por mais pedagogia que eu tenha estudado, já reconhecí que só por palavras não vae. Definitivamente não vae.

E' claro que prefiro o conselho ao puxão de orelhas. Que emprego a palavra e o conselho de preferencia. Que sou brando e meigo, e nunca duro nem cruel. Mas uma vez ou outra são precisos os *meios tradicionais*, e, n'esse caso, santa paciencia,—a pedagogia que me perdõe—recorre-se á tradiçião. Não hesito. E tenho notado que, empregado com razão e a tempo, é quasi sempre meio seguro. Com rapazinheiros de cera não será preciso. Concorde que não seja preciso. Com mario-lões de marca X será inutil. Tambem concordo que seja inutil. Mas quando elles, sem serem santos tem vergonha, é meio seguro *para os des-cuidos.*

Mas bem. Vou todos os mezes ao lyceu. O rapazinheiro faltou á aula? Falou com menos respeito ao professor? Associou-se a brincadeiras prohibidas pelos regulamentos? Eu corrijo-o de prompto, e como elle sabe que me tem pela frente no mez immediato, e como não é incor-

rigivel, eu no mez immediato já não tenho que corrigir n'esse sentido. Fraquejou n'uma disciplina? Para ahi dirijo as minhas atencções, e trato de remediar, enquanto é tempo.

Fazem todos os paes a mesma coisa? Eu não me quero gabar, é claro. Todos sabem que não sou *boa pessoa*. Mas, no meu dever de publicista, estou apontando regras e dando conceitos. Nada mais. De resto, não é com *as boas pessoas* que o mundo se governa. E' com as *más*. As boas pessoas tem o seu *reino*, e para elle se guardam. E' o reino dos céos. Eu, já agora, conto como certas as profundas do inferno. Lá vou parar. E acostumei-me tanto a essa idéa, que não ha-de ser com medo das torturas do diabo que eu hei-de deixar de morrer como um justo. Lá isso não.

Mas, voltemos a repetir a pergunta: fazem todos os paes a mesma coisa? Não. Geralmente entregam os rapazes ao destino. *Será o que Deus quizer.* Geralmente, em lugar de os corrigirem, ouvem-lhes, e aceitam-lhes, todas as queixas. Geralmente, são elles que os educam mal, que os tornam indisciplinados, brutos, malcreadissimos. Geralmente, são elles que os animam, e apoiam, na cabula, no relaxamento e na mandrice. E, depois, tentam abafar o grito da propria consciencia a berrar contra a lei, ou contra os professores.

Esta é que é a grandissima verdade. O primeiro responsavel pela falta de aproveitamento do alumno, é o pae. O segundo, é o professor. O terceiro, é a lei. A lei vem em ultimo lugar. Não é perfeita. Requer emendas. Não o contestamos. Mas, seja ella qual fôr, enquanto o pae e o professor não mudarem os seus habitos, todas as leis darão o mesmo resultado.

A não ser que se decrete, pura e simplesmente, e *é esse o ideal*, que se concedam as cartas de doutor, sem mais exigencias, a quem as reclamar.

Esse é o ideal. O que se pretende com tanto barulho, já o dissimos, é, sómente, facilitar os estudos. Quanto mais facilis, melhor. Que paraiso terreal, se se podesse chegar a doutor sem estudar coisa nenhuma! Então é que isto era um céo.

Lá havemos de chegar. E depressa. Chegamos lá, e chegamos lá depressa. Deixem estar. Não se afflijam muito. Já se estuda pouco. Muito pouco. Mas havemos de lá chegar sem estudar coisa nenhuma.

Notámos na carta antecedente que, ao par e passo que se grita contra o regimen de instrucção secundaria, tão discutido, tão debatido, ninguém diz uma palavra, ou raros são aquelles que a dizem, sobre o regimen de instrucção primaria. E' que por falta de exame de instrucção primaria ninguém deixa de ser doutor. Não correm esse perigo os filhos dos homens que escrevem nos jornaes. E se não correm esse perigo, que importa a instrucção dos filhos do povo? Que importa, se ninguém discute a instrucção por amor da instrucção?

Ahi, na instrucção primaria, é cada vez maior o desprezo, a indiferença, que dizemos: a hostilidade. Cada vez maior. Ninguém quer a instrucção do povo. Ninguém se preocupa, ninguém se incommoda com a ignorancia profunda das grandes multidões.

D'esse espirito de hostilidade, ou de completa indiferença, pelo menos, apparecem provas a todo o instante. Como ainda se viu das cartas do capitão Homem Christo, publicadas nos dois ultimos numeros d'esse semanario.

Ha em cada regimento uma escola e uma bibliotheca. Deu-lhes a lei fundos especiaes, á *custa dos soldados*. Sahem do producto do espolio dos desertores, quando tenham credito; da importancia de pret e pão das praças ausentes, relativa aos dias de ausencia e deduzido o desconto para fardamento; do producto da quarta parte dos jornaes das praças que trabalham em obras do quartel ou outro edificio dependente do ministerio da guerra; do producto de pão e pret das praças

que gosarem quatro dias de licença pelo carnaval, paschoa e natal e outras licenças da mesma natureza. Isto era o que dizia a lei. A' sua custa, meramente á sua custa, pagava o soldado a sua instrucção, que aliás não recebia, e os livros, apparelhos, instrumentos destinados ao uso de officiaes e sargentos. A lei dava destino *muito especial e muito restricto* aos chamados *fundos escolares*. Pois tudo isso tem sido, a pouco e pouco, alterado. Por outras leis? Não; por *simples circulares*. N'este paiz ha esta monstruosidade: as leis militares, votadas no parlamento, sancionadas pelo rei, são alteradas, completamente alteradas, por *simples circulares!*

Dos fundos escolares dos regimentos já sahiram, *por uma circular*, uns tantos por cento, 25, se não nos falha a memoria, para os fundos da Escola Pratica de Infantaria, em Mafra. Depois sahiram mais uns tantos por cento, 5, se ainda não nos falha a memoria, para os fundos da Direcção Geral de Infantaria. E ultimamente, ainda por *uma circular*, sahiu mais o *preciso* para conservação de carreiras de tiro e trabalhos dos pelotões de sapadores, para o que, aliás, havia verba especial. Mas foi precisa esta verba para *qualquer coisa*, e, então, mais uma vez se lançou mão dos *fundos escolares.*

Tudo isto sabem os senhores officiaes que escrevem nos periodicos e que falam no parlamento. Mas nenhum diz uma palavra a tal respeito! As escolas regimentaes cahiram no maior abandono. Os fundos, destinados á compra de livros, modelos, instrumentos, e mais material de ensino, *fundos expressamente consignados na lei*, vão desaparecendo *por meio de circulares*. Mas, contra isso, nem pio. E são coherentes. Quem combate o esforço d'aquelles que tentam levantar o nível intellectual do exercito, não pôde, nem deve, extranhar que se fechem as escolas, *mesmo as que foram creadas e garantidas por lei*, e que apodreçam os livros.

Os officiaes allemães, francezes e italianos, não desdenham ensinar as primeiras letras aos analfabetos que apparecem nas suas companhias, como o capitão Homem Christo o tem provado, dezenas de vezes, sem contestação de ninguém. Nos Estados Unidos da America do Norte, os officiaes americanos faziam mais: ensinavam os pretos, nos proprios acampamentos e bivagues. Saiba-o a ignorancia d'esta terra. O exercito do Norte levava atraz de si professores e professoras para montar escolas em todas as cidades do Sul submettidas. Os pretos alistados no exercito, esses eram ensinados, não obstante os trabalhos e fadigas da campanha, pelos proprios officiaes. E vem um capellão de reforço á rotina indigena para zombar, ridiculamente, dos officiaes de provincia que se dedicam, *nos seus aios*, a ensinar recrutás, avançando, ridiculamente tambem, que o serviço de guarnição em Lisboa não permitiria o mesmo aos officiaes da capital. O serviço de guarnição em Lisboa! E o serviço de campanha, e d'uma campanha terrivel, não impediu que os officiaes americanos do exercito do Norte ensinassem 40:000 pretos a ler, escrever e contar!

Quarenta mil pretos! Terminada a guerra, 40:000 libertos, que haviam frequentado, sendo analfabetos, as escolas regimentaes, sabiam ler, escrever e contar!

Em Portugal, não é preciso nada. As manobras do Bussaco provaram bem que era escusada a instrucção, e que o *glorioso exercito portuguez* nada tem a invejar ao exercito allemão, ao exercito francez, ao exercito japonéz, a cada um de per si, e a todos elles juntos!

Nada lhe tem a invejar. Nada, nada!

Materia prima, dizem os nossos cabos de guerra, não ha semelhante no mundo!

Como isto dá vontade de morrer, a quem não pôde fugir! Viver no meio d'estes brutos...

Francamente, não ha martyrio egual. A. B.

APOIADO

As *Novidades*, publicando um excellent artigo sobre o descanso dominical, entre outras coisas, dizem:

«Circumscrever ao domingo o descanso absoluto de todas as classes, sem outra justificação de escolha que não seja a do acatamento das velhas tradições religiosas, cujo exaggerado culto n'esse sentido, mesmo na antiguidade levantou, por vezes, graves revoltas de consciencias, parece-nos má pratica que um desapassionado exame dos homens e das coisas não deve auctorisar na epocha que vamos atravessando. Proponcione-se aos caixeiros, cuja causa é sympathica e, mais de uma vez, temos defendido n'estas columnas o descanso ambicionado do domingo, fechando as lojas que n'esses dias pôdem fechar sem prejuizo do publico;—mas só essas. Fechem, tambem, as fabricas e os escriptorios de commercio, sempre que n'isso não haja inconveniente. E para o pessoal d'aquelles estabelecimentos que, pela sua natureza, devem estar abertos aos domingos, como são, entre outros, aquelles que acima indicámos, determine-se outro dia de descanso na semana, o que não nos parece de execução difficil. Tudo quanto não fôr isto representará uma violencia que não pôde ser defendida por quem tiver o espirito desempeoado de preconceitos, embora em contacto, pela crença e pela educação, com os principios religiosos mais sãos, como succede a quem está rabiscando estas linhas, á mingua de assumpto de mais palpitante actualidade.

Como acima tivemos occasião de dizer não conhecemos as bases da proposta que o sr. presidente do conselho tencionava apresentar ás côrtes;—se é que o sr. Hintze Ribeiro tem tempo para pensar em tal no meio das preoccupações do contrato dos tabacos. Fazemos, todavia, a justiça devida ao seu espirito liberal para não acreditar que o chefe do governo siga na esteira d'aquelles concilios de out'ora que se reuniam para discutir se era peccado fazer a barba, palestrar com os amigos e pescar á linha aos domingos.»

Apoiado, na parte em que combate o respeito das velhas tradições religiosas.

E' mais uma licção de democracia que um periodico conservador dá a certos sujeitos que tem basofias de democratás.

Descansem os membros de todas as classes um dia na semana. Mas todos ao domingo, é caso para pedir a Jupiter que nos fulmine com um raio.

E lembrarmo-nos nós de que houve quem não quizesse fazer conferencias contra a clericalha, para as andar fazendo, por esse paiz fóra, a favor do descanso dominical!

As festas da Barra

Estão já tomados todos os hotéis da localidade para hoje e amanhã. Mas não se amofinem os apaixonados da folia, que ahi perto, á quem da Cambeia, o Arthur Paes improvisará no seu estabelecimento, n'essa occasião, uma cozinha que satisfará desde os estomagos mais delicados até á mais vorazes *fornalhas dos Farrucas.*

Portanto, basta levar dinheiro e vontade de o gastar com as impertinentes necessidades do estomago.

A nossa cartela

Em consequencia de lhe ter accedido recentemente uma das suas glantras pequerruchas, não partiu na segund-feira para o ultramar, como tencionava, o nosso amigo sr. dr. Francisco Conceição.

— Regressou da sua quinta d'Adães, o sr. Ignacio Marques da Gaha, abastado capitalista d'esta cidade.

— Com seu filho, o sr. madeu Madail, regressou de Luzo, o sr. Manuel Maria da Rocha Madail, digno official do governo civil d'esta cidade.

— Fez annos o sr. Aerto Ferreira Pinto Basto, um dos *sãos* da fabrica do porcelana da Vista Alegre.

— Está em Agueda, a gozo de licença o sr. dr. João Duas Sereno, digno juiz d'Albergaria-a-Veja.

— Com sua exm.^a familia, regressou a Vizeu, onde é delegado do procurador régio, o sr. dr. Afonso de Mello.

— Tem estacão esta cidade o sr. Manuel Joaquim Alós Diniz, considerado negociante e capitalista de Lisboa.

— Regressou de Salamanca o sr. Duarte Ferreira Pinto Basto, digno director da fabrica da Vista Alegre.

— Tem passagem encommodada de saude a sr.^a D. Maxima de Moraes Machado, esposa de sr. Manuel Anthero Baptista Machad, digno pagador das obras publicas d'districto. Desejamos-lhe rapidas melhas.

— A convalescencia encontra-se ha tempo na Ponte da Ra, o sr. Henrique dos Santos Ratto, habilitista d'esta cidade.

— Esteve em viro o sr. dr. Manuel Nunes da Silva, do juiz em Coimbra.

EPHEMERIDES DEMOCRATICAS

19 de setembro. — Graves tumultos em Aveiro, 1888, dos quaes resulta a expulsão das irmãs da caridade e a substituição do governador civil Manuel Firmão d'Almeida Maia.

Procedendo-se n'esse dia á eleição da meza da Santa Casa da Misericórdia, depois d'uma campanha de seis mezes contra os introdutores das irmãs da caridade no nosso hospital, os clericos, vendo perdida a eleição, apesar de terem supprimido arbitrariamente, do caderno respectivo, dezenas d'irmãs, e não obstante todas as pressões e violencias da auctoridade que escandalosamente os protegiam, armaram desordem, atirando maços de listas para dentro da urna, derribando esta e tentando rouba-la, a fim de annullarem o acto eleitoral. Não obstante a presença de varios assassinos de profissão, vindos de fóra de Aveiro, alugados pelos clericos para esfaquearem os liberaes que vigiavam a urna, estes conseguiram desde logo, dentro da igreja, repellir os facciosos, castigando severamente os clericos que apanharam ás mãos, alguns dos quaes ficaram muito feridos. Barboza de Magalhães, que presidia ao acto eleitoral, padre Manuel Ferreira, e outros, só conseguiram salvar-se refugiando-se apressadamente na sacristia, fechando e barricando a porta. Entretanto acudia a policia em seu auxilio.

Circulando no Largo Municipal, onde estacionava muita gente, e nas ruas da cidade, animadas n'esse dia, a noticia do que se passava na igreja, uma multidão enorme accorreu de todos os pontos, n'um estado de grande excitação.

O governador civil viu-se forçado a mandar fechar rapidamente as portas do governo civil. Fecharam-se tambem todas as portas do hospital. Gritos atroadores de *morra o governador civil, morram as irmãs da caridade* encheram os ares. Alguns populares foram buscar escadas, encostando-as ás janellas do hospital, na intenção de subir por ellas. As irmãs da caridade, reconhecendo o perigo enorme que corriam, appareceram então ás janellas, ajoelhando, e pedindo, de mãos erguidas, piedade. Felizmente, chegava n'esse instante ao Largo Municipal, a todo o galope, um esquadrão de cavallaria, que tomou posições, defendendo o hospital e a igreja. Outro esquadrão, chegado logo em seguida, defendeu o governo civil. Nem por isso cessaram as manifestações. O clamor era immenso. As vidraças do hospital foram todas partidas, á pedrada. Tendo a cavallaria conseguido, por instantes, dominar o tumulto, fez saber o governador civil e os carolas, acompanhados os a casa. O que então se passou não se descreve. Da multidão, que enchia as ruas, das janellas, apinhadas de gente, partiam as mais violentas apostrophes contra o governador civil e os reactionarios que o acompanhavam. Ouvia-se o barulho a mais de 3 kilometros de distancia, como o d'um mar revoltoso.

O ministro do reino, informado sem demora do que se passava, por um delegado da sua confiança, que mandara expressamente a Aveiro, telegraphou ordenando que na noite de 19 para 20 sahisses do hospital todas as irmãs da caridade, regressando ao Porto, d'onde tinham vindo, mas entrando no comboio em Estar-

reja, e não em Aveiro, sendo acompanhadas por um esquadrão de cavallaria até áquella localidade, a fim de escaparem ás fúrias populares. Ao mesmo tempo nomeava Espregueira governador civil d'Aveiro, intimando-o a tomar posse, immediatamente, do seu cargo.

Assim terminou a *questão das irmãs da caridade*, em Aveiro, depois d'uma campanha accessa na imprensa e nos comícios, durante 6 mezes.

Os successos de 19 de setembro constituiram o grande acontecimento da occasião, sendo largamente tratados por toda a imprensa do paiz.

20 de setembro. — São prohibidos os enterramentos nos claustros e igrejas de Lisboa, 1833. D. Pedro IV, ralado de desgostos, odiado pelo povo e aggreddido pelas côrtes, abandona a regencia, 1834. Cria-se a junta geral da bulla da cruzada, para anichar afilhados e tirar ao pobre povo alguns vintens, 1851. O governo portuguez offerece um elevado premio a quem apresentar um projecto de codigo civil, 1822. Assume Castelar a nefasta dictadura que matou a Republica hespanhola, 1873. O exercito da Revolução, composto de voluntarios em grande parte, derrota em Valmy os soberanos da Europa colligados.

A batalha de Valmy foi a primeira, digna d'esse nome, em que a Revolução se encontrou face a face com os inimigos externos.

Lafayette, logo que soube da prisão de Luiz XVI, 10 de agosto, abandonou o commando do exercito a Luckner, desertando para o inimigo. Luckner foi substituido por Dumouriez que conseguiu tomar algumas medidas de valor. A sua situação, contudo, era difficil deante do grande exercito commandado pelo rei da Prussia em pessoa. A 18 de setembro chegou Beurnouville, com 16.000 homens de reforço, e a 19 Kellermann, com 25.000 homens. O exercito francez ficava assim com 60.000 homens, para oppôr a mais de 80.000, com a circumstancia importantissima d'esses 60.000 homens serem constituídos em grande parte por voluntarios, isto é por *paizanos*, republicanos *exaltados*, os taes *jacobinos* que não são da sympathia do sr. Guerra Junqueiro, e que em Valmy, como em tantas outras conjuncturas, salvaram a patria, salvando a Revolução.

A 20 travou-se a batalha, que terminou pela victoria dos francezes, devida ao enthusiasmo ardente dos *jacobinos*. Kellermann, depois do primeiro ataque, que foi terrivel da parte do inimigo, pôe-se á frente dos voluntarios, levanta o chapéo na ponta da espada, agita-o no ar e grita: «Camaradas: Viva a Patria!»

Esta attitude e este grito despertam um enthusiasmo louco. Os batalhões repetem: *Viva a Patria!* e arremessam-se cegamente contra o inimigo.

De noite, Kellermann executa um movimento envolvente. O inimigo, na madrugada de 21, vê o flanco direito e a retirada ameaçada e, já muito disimado pela mortandade da véspera, pede para entrar em negociações, confessando se vencido.

Assim terminou a gloriosa batalha de Valmy, devida ao esforço dos patriotas, dos populares que se offerceram em massa para salvar a patria ameaçada. Foram elles, os *jacobinos*, que nas seções incitaram á resistencia, e foram elles, os *paizanos*, que

no campo de batalha valente e inteligentemente resistiram.

Batalha de importancia capital, porque, sem ter tido grandes proporções, deu ao inimigo provas do valor dos voluntarios e encheu de enthusiasmo os batalhões que de todos os pontos do paiz se dirigiam para a frente.

Os batalhões e a Convenção, que abriu as suas sessões no dia immediato, confiando no futuro, convencida de que os reis não triumphariam facilmente da Republica.

E o enthusiasmo vale muito. E a fé é quasi tudo.

21 de setembro. — Decretase o estabelecimento de cemiterios publicos em todas as povoações de Portugal e prohibe-se os enterramentos nos templos, 1835. E' proclamada no Rio Grande do Sul (Brazil) a *Republica de Piratinim*, 1835. Abre a Convenção Nacional, 1792.

D. Pedro I, depois D. Pedro IV de Portugal, tinha abdicado em seu filho, no dia 7 de abril de 1831, depois do movimento insurreccional, d'esse dia, no Rio de Janeiro. Salvou-se, assim, a monarchia. As idéas republicanas, porém, tinham já creado vulto e lançado raizes no paiz. A onda revolucionaria não estava extincta. Assim, a 21 de setembro de 1835 rebentava no Rio Grande do Sul um importante movimento, que proclamou a republica chamada do *Piratinim*, que foi uma simples consequencia das tendencias democraticas do povo brasileiro, as quaes, desde 1817, nunca deixaram de manifestar-se. Essa republica, que elegeu presidente, fez eleições, reuniu a Constituinte, decretou a constituição republicana, organizou o poder judicial e a instrucção publica, arrecadou impostos, etc, durou dez annos, durante os quaes sustentou uma lucta heroica com o imperio.

Abertura da Convenção.

Depois do ataque ás Tulherias, em 10 d'agosto, a Assembléa legislativa decretou, entre outras medidas, a convocação d'uma Convenção Nacional e a suspensão do poder executivo até nova ordem. As assembléas eleitoraes foram convocadas para o dia 2 de setembro.

N'este dia, quando se estava procedendo á eleição dos deputados de Paris, correu a noticia do ataque de Verdun pelos inimigos colligados. Immediatamente todos os cidadãos em estado de pegarem em armas foram convidados, por uma proclamação enérgica da Communa, a remirem-se no Campo de Marte. «Forme-se sem demora um exercito de sessenta mil homens e marchemos ao encontro do inimigo, ou para succumbirmos, ou para vencermos.» Nomeou-se em seguida um *comité* militar de oito membros, e decidiu-se que immediatamente se tocasse a rebate.

A Assembléa legislativa applaudiu enthusiasmicamente a resolução da Communa. «Marchemos... marchemos... é necessario tocar a rebate na opinião publica» exclamou Lasource. «Homens de 14 de Julho e 10 de agosto, disse Vergniaud, é a vós que eu invoco... Não é agora occasião de discutir, é necessario cavar a sepultura aos nossos inimigos, ou a cada passo que dão cavam elles a nossa.» Já se ouvia por toda a parte o formidavel toque de rebate. A voz sublime de Danton ergueu-se: «Este rebate é o signal do ataque aos inimigos da França. Para os vencer pre-

cisamos audacia, audacia, sempre audacia. E salvaremos a patria.» A assembléa, enthusiasmada, decretou, no meio de geraes applausos, que todo aquelle que recusasse servir pessoalmente, ou entregar as armas aos que quizessem marchar ao encontro do inimigo, seria declarado infame, traidor á patria, e punido com a morte. Assim se organizaram os batalhões de voluntarios que se encheram de gloria em Valmy, esses batalhões que horas antes de se abrir a Convenção gritavam clamorosamente, erguendo os bonets nas pontas das bayonetas: *Viva a Republica!*

Viva a Republica! Foi este tambem o grito da Convenção Nacional. Proclamar a Republica, affirmar-la, impo-la ao respeito do mundo, tal foi a obra colossal da Convenção. Obra tamanha, que nunca mais foi possível extirpar as raizes profundas que a Republica creou no solo da França e a liberdade no coração do mundo culto.

22 de setembro. — O papa reconhece D. Miguel rei legitimo, sagrando-o, ungiendo-o e abençoando-o, 1831.

23 de setembro. — Chega a Lisboa D. Maria II, 1833. Convocação dos Estados Geraes francezes—1789.

24 de setembro. — Desembarca em Inglaterra D. Maria II onde é recebida como rainha, ao passo que os emigrados da junta o são como bandidos. Morre D. Pedro IV em Queluz, na sala de D. Quixote, ornada com as scenas tiradas das aventuras do cavalleiro da Triste Figura, tendo sido dias antes gravemente insultado no theatro de S. Carlos, 1834.

No dia 17 D. Pedro, reconhecendo a morte, pediu os soccorros da religião, fez e assignou o seu testamento, legando á cidade do Porto o seu coração, recommendando á generosidade da nação sua esposa e a princeza D. Amelia, unica filha que teve do segundo matrimonio.

No dia 19 abraçou um por um os seus ajudantes de campo, as pessoas da familia, e um soldado de caçadores 5, que mandou ir, junto do seu leito, dizendo-lhe que transmitisse esse abraço aos seus camaradas, em signal da saudade que o acompanhava n'aquella hora extrema. No dia 20, tornou a papar hostias, entregando-se completamente ás resas e orações religiosas até ao dia 24, dia em que morreu, ás duas horas da tarde.

25 de setembro. — Mina revolucionou se proclamando a constituição do anno 12, 1814.

PUBLICAÇÕES

Recebemos o 1.º numero do *Graphico*, órgão official das Associações Graphicas de Lisboa, que se apresenta bem redigido.

Recebemos o n.º 15 da *Gazeta dos Lavradores*, excellente revista da Agricultura Nacional.

Recebemos o n.º 3 do 2.º anno de *A Revista*, magnifico mensario de sciencias e letras. Este numero continha a publicação das cartas inéditas de Anthero e é collaborado por Bruno, Ernesto Rossi, Antonio Carvalho, Cunha Junior, Gonçalo Sampão, dr. F. Cunha e Oliveira Ramos.

Recebemos mais um volume—Associações de Classe, Fiscalisação das aguas potaveis, Hospitalisação de enfermos, Sociedades anonymas—da benemerita *Biblioteca Popular de Legislação*.

ALTO LÁ!

O Mundo, em resposta ao *Diario Popular*, diz que a *ampla liberdade* para cortejos civicos e para procissões seria, sem duvida, *bem recebida por todos os liberaes*.

Alto lá. Eu encontro um cortejo civico na rua e não tenho que tirar o chapéo, nem que ajoelhar, nem que bater nos peitos, nem, sendo d'uso faze-lo levo bordoadada, nem vou para a cadeia, se o não fizer. Não ha violencia nenhuma sobre a minha consciencia.

Mas se encontrar uma procissão e proceder segundo as minhas convicções, dão-me uma carga de pau e levam-me para a cadeia.

Alto lá! N'esses casos eu prefiro que seja prohibido o cortejo civico para ser prohibida a procissão.

As procissões, cortejos grosseiros, cheios de ridiculos, prestando-se a motejos, troças, comentarios alegres, estão hoje prohibidas em todo o mundo culto, onde os cortejos civicos são permittidos. Mas se é preciso igualdade, cá n'este paiz *á beira mar plantado*, eu prefiro a *igualdade da prohibição*.

E estou certo de que será esta a opinião de todos os livres pensadores. Até a do *Mundo*, se reflectir um instante.

A boia do patacho «Maria das Dôres»

Encontra-se já n'esta cidade a boia do desaparecido patacho «Maria das Dôres», que gentilmente foi offerecida ao sr. Luiz Gonçalves Moreira, pelo cavalleiro que a possuía em Vallega.

E' uma triste recordação que vem avivar as saudades d'aquelles que ainda hoje pranteiam os desventurados tripulantes d'aquelle barco.

O vinho novo

Vae grande azafama por toda a parte na colheita da uva para fabrico do vinho novo.

Os cascos velhos e já arrumados para o canto por desnecessarios estão sendo aproveitados, por que o vinho é muito.

Dizem-nos que se está vendendo a 300 réis á bica.

D'alguns lavradores sabemos nós que não tem onde o botem.

«POVO DE AVEIRO»

Em Lisboa, vende-se na tabacaria Nonaco.

BAGAÇOS ALIMENTARES

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

(3) **FOLHETIM**
A CALDEIRA
DE PERO BOTELHO
POR
ARNALDO GAMA

A porta abriu-se immediatamente. O homem do ferragoulo entrou para dentro, e, subindo a correr a escada, chegou por fim ao primeiro patamar, e, atravessando-o de duas passadas, parou deante d'uma porta, que lhe ficava de frente. Abriu-a de repellão, e entrou para dentro, arremessando-a em seguida com força contra o batente.

e a adufa meio levantada em razão da calma. Do lado esquerdo, quasi que logo á entrada da porta, estava uma enorme cadeira de castanho com pregaria de latão denegrido, e um escabello com seu naco de menos n'uma das extremidades. Mais adeante, de ilha para a janella, estanceava uma meza de pau de pinho, sobre a qual se via um candieiro de ferro, em que ardia uma torcida meio-afinchada, que enchia o quarto de fumo e de má luz. Em frente da meza e encostado á parede, via-se um almofeixe, especie de grande mala ou bahu, junto do qual estava um cantaro, que haviam tomháo voluntariamente, e que, ao tombar, arrojára de si tanta agua, que da que ficara empogada aqui e ali pelos buracos do velho soalho, a calma, apesar de rija, ainda não podéra evaporar a maior parte.

meadeava entre a porta da entrada e a parede lateral. N'este catre jazia deitado um homem em camisa e apenas com umas meias calças vestidas, e nos pés uns pantufos de corfoáo vermelho. Este homem dormia profundamente, ressonando, de bragos cruzados e voltado para a parede. Sobre a cadeira via-se um ferragoulo, parte n'ella, parte no chão, e sobre elle algum fado de panno. A pouca distancia, e como se houvesse roldado de cima de tudo aquillo, jazia um chapéu de abas largas, com seu cairal de veludo e pluma preta, cahido no soalho, e com uma parte da aba mettida n'uma das poças de agua, que o cantaro fizera ao entornar-se.

o nosso homem do ferragoulo, sem lhe importar com a montanha de roupa, que jazia sobre a cadeira, deixou-se cahir sobre ella com geito tão alquebrado mas tão rapido, que mais indicava desalento de espirito, do cansaço do corpo. Depois abriu de repellão o ferragoulo, que o abafava, atirou com o chapéu ao chão, e, em seguida, lançou a cabeça para traz, e tomou largo resfolego, como quem vinha morrendo por ter ar.

dovão esfrolado e apespontado a retroz vermelho. N'ellas andavam aveladas umas esporas de prata.
O barulho, que fez ao abrir a porta, acordou de repellão o que dormia, que, assim estremunhado, se atirou de golpe abaixo da cama.
Era tambem um moço, de entre a vinte e cinco a vinte e seis annos de idade; de cabelo e barbas de côr pr. ta retinta, e cujos grandes olhos, negros e assombrosos por pestanas da mesma côr, scintilavam com brilho que denunciava caracter folgazão e volteiro, mas dotado de extraordinaria energia d'alma.
Despertado, pois, de sobresalto, ergue-se de golpe, e appareceu, ligeiro como um gato, de pé no meio da casa. Ao reconh. cer, porém, o recém-chegado, sentou-se na borda do catre, e pôz-se a olhar fito para elle. Reparou-lhe então n'aquelle desalento, e notou-lhe a pallidez desconforme do rosto. Ao dar por tal, os olhos chi-saram-lhe como ferro embraza, e elle bradou em voz rija e ansiosa:

METHODO JOÃO DE DEUS

LEITURA

- Primeira parte*—**Cartilha Maternal** ou **Arte de Leitura**—16.^a ed., cart. 300 réis, broch. 200
Album, ou livro contendo as lições da *Cartilha Maternal* em ponto grande 5\$000
Quadros Parietaes, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões. 6\$000
Segunda parte—**Os Deveres dos Filhos**—16.^a ed., cart., 300 réis, broch. 200
Gua prático e teórico da Cartilha Maternal—1 vol. de 170 pag., compilado por João de Deus Ramos. 160

ESCRIPTA

Arte de Escripção—(2.^a ed., melhorada), 9 cadernos com algumas explicações práticas, cada. 30

Livros de polémica sobre o Método

- A Cartilha Maternal e o Apostolado**..... 500
A Cartilha Maternal e a Crítica..... 500

Do mesmo auctor:

LITTERATURA

- Campo de Flôres**—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.^a ed. 700
Prosas—Coordenadas por Theophilo Braga. 800

DEPOSITO GERAL

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.^o—LISBOA

As livrarias, municipios, institutos de ensino, etc., que requirirem no Deposito geral das obras escolares de João de Deus mais de 20 exemplares, terão a seu favor o desconto de 20 por cento; 500 exemplares (podendo ser 250 da Cartilha e 250 dos Deveres, ou em porções designaes d'estes livros), 25 por cento; assim como de 1 a 9 collecções de Quadros Parietaes, ou de Albums, 20 por cento; 10 collecções, 25 por cento.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.^o (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripção.

A' VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

—DE—

Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. *Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

Pechinças para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RU DE JOSÉ ESTEVÃO—79



PRAÇA DE TOUROS

NO

PHAROL DA BARRA DE AVEIRO

Domingo, 25 e Segunda-feira, 26 de setembro de 1904

Duas deslumbrantes touradas por occasião das populares festas á Senhora da Saude, na Costa Nova, e Senhora dos Navegantes, no Forte da Barra.

7 touros em cada tarde

Cavalleiro—O muito applaudido e arrojado

MANUEL PRUDENCIO

distincto professor d'equitação, no Porto.

Bandarilheiros—Os reputados e festejados artistas Luiz Homem, Cecilio de Sousa e Luciano Moreira, das Praças de Algés e Campo Pequeno.

Depois de corrido o 3.^o touro haverá um intervallo de 15 minutos.

O 7.^o touro é destinado aos curlosos.

Abrilhanta as corridas a phylarmonica **Aveirense**.

Um valente grupo de forcados d'Aveiro fará as pégas que o sr. director da corrida determinar.

Por especial obsequio ao empresario é director das corridas o distincto *sportman* sr. Mario Duarte.

Os camarotes achar-se-hão lindamente adornados.

O bandarilheiro Luciano Moreira dará o **arriscado salto de vara** em ambas as tardes.

Aos touros, pois, *aficionados!*

José Monteiro Telles dos Santos J.



DENTISTA MECANICO

Coloca dentes e dentaduras artificiaes. Conserta qualquer dentadura partida, ou a que falte qualquer dente; obtura a ouro, prata, platina, e a cimento, tudo por preços baratos. Não se recebe qualquer quantia ficando o trabalho imperfeito. RUA DA COSTEIRA (Em frente da Estatua de JOSE ESTEVAM)

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empresa previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de productos do matadouro de Lisboa, sangue secco e pulverisado para adubos (o mais rico em azote), couros, sebo, e tripa a 200 réis o masso.

Rua da Boa Vista, 3 Lisboa

EMPREZA CERAMICA

DA

FONTE NOVA

DE

Mello Guimarães & Irmãos

AVEIRO

FABRICA a vapor de telha do systema de Marselha, feita pelos processos mais modernos e aperfeiçoados.

Encontra-se á venda n'esta fabrica grande quantidade de telha franceza e seus accessorios, e bem assim outros artigos para construcções, taes como: azulejos para revestimento de paredes de variados gostos, vasos para frontarias, siphões, balaustres, manilhas, etc., productos que rivalisam com os das principaes fabricas congeneres do paiz.

Tejolos de varias dimensões.

PREÇOS MODICOS

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relógios de bolso e de salla. Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUILTYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA—SANGALHOS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

E FERRAGENS

—DE—

ANTONIO FERREIRA FELIX, Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, rateiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, réde para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 a 45—AVEIRO